

## Crítica // Missão: Impossível — O acerto final ★★★★★

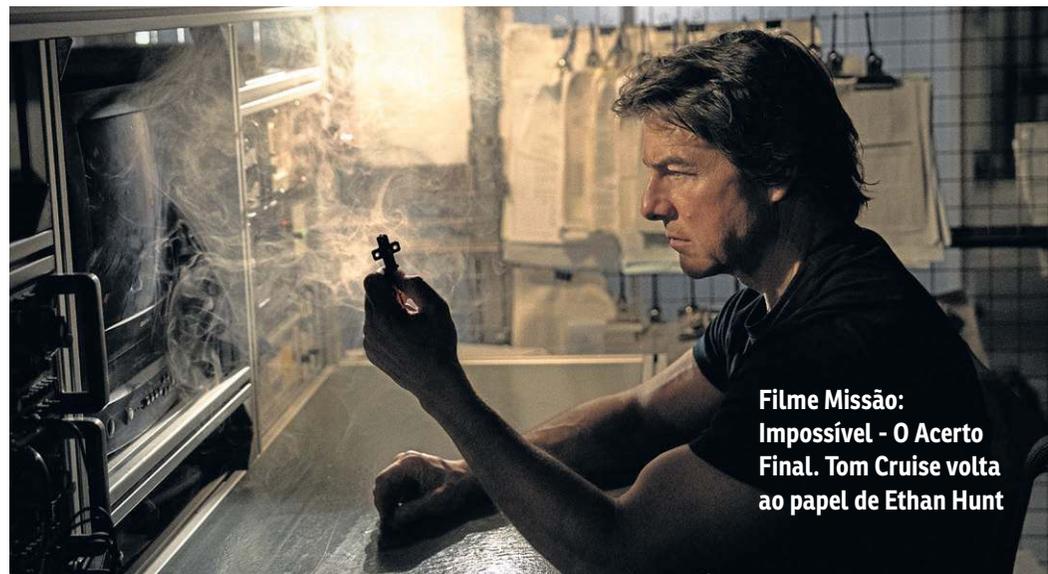
No oitavo filme de franquia Missão: Impossível, Tom Cruise conjuga nostalgia e tira toda a poeira dos conceitos anteriores das cenas de ação de sua obra

# INTENSA PAULADA, NA DESPEDIDA

Ricardo Daehn

Até a proteção da Medalha de São Cristóvão, para além de todos os apetrechos técnicos, servirá de guia para a nova (e impactante) aventura de Tom Cruise, mais precisamente do agente Ethan Hunt, seu personagem no derradeiro filme para a franquia conduzida por Christopher McQuarrie. A ameaça estará em todo o lugar, na forma de uma entidade digital, que só poderá detida por meio de uma “toxina digital” e dos milimétricos cortes em fios de detonadores de bombas.

Encapsular o mal, num drive de computador, tal qual o aprisionamento de um gênio da lâmpada, está na meta de Ethan e de seu grupo (que alinhara figuras como Kitteridge,



feito por Henry Czerny; Neely, papel de Hannah Waddingham e Paris, a agitada Pom Klementieff), todos habitantes de um mundo com países vulneráveis, à exceção

de Reino Unido, China, Rússia e Estados Unidos, salvaguardados, inicialmente, de terrorismo nuclear. Nada está escrito para os personagens, o que os aprisiona em destino cuja

imprevisibilidade faz com que tudo saia diferente do cenário planejado pelo protagonista.

Num mundo em que é decretado que a “verdade desapareceu”, e que guerras são

iminentes, Hunt terá que se desdobrar em ações pelo Norte do Pacífico, pela África do Sul e por vivência trágica dos antigos eventos em Praga. Os atores Hayley Atwell (à frente de Grace) e Ving

Rhames, o Luthier da trama, tem potente destaque.

Com olhos lacrimejantes, Cruise se despede de uma obra que atravessou quase 30 anos, reativado um passado que tem um quê de Vingadores: Ultimato. No desvencilhar de situações de latente xeque-mate, junto com uns sermões previsíveis, o astro protagoniza dois momentos antológicos: um subaquático, que remete, de imediato, ao estilo de cena desafiadora como Titanic (1997) e outro, aéreo, ao bom estilo de Ingrida internacional (1959).

## Crítica // Hiroshima mon amour ★★★★★

## Frescor a toda prova

No marcante ano de 1959, o vanguardista cineasta Alain Resnais cunhou cenas no seu histórico Casablanca (14 anos depois do clássico de Michael Curtiz), um recinto japonês que abrigou a nostalgia elevada ao cubo na memória de qualquer cinéfilo. Com atores em estado de graça, o casal Eiji Okada e Emmanuelle Riva, o mesmo diretor de O ano passado em Marienbad (1961), preza a cartilha de revolução

na linguagem do cinema, com direito a roteiro de Marguerite Duras e trilha sonora absurdamente marcante assinada por Giovanni Fusco e Georges Delerue. O clássico tem sessões no Cine Brasília.

Na base da trama está o “horror do esquecimento” — que alcança até mesmo os bombardeios atômicos de Hiroshima. Reflexos da violência são nítidos, nesta história única que versa sobre uma

LEOPARDO FILMES/ DIVULGAÇÃO



Hiroshima mon amour, de Alain Resnais

paixão inaceitável e a fluidez das emoções num tempo em suspenso. As interpretações parecem recitadas (particularmente, Riva parece cantar

o texto), num universo em que a alegria parece falsa e a extroversão, desesperada. A personagem de Riva esgarça, na trama, um doloroso amor

do passado, com a mesma impossibilidade do atual sentimento que demarca seu adultério (ao lado do personagem de Okada). (RD)